

A memória da terra

O maior receio de quem se dedica com paixão à arte da educação talvez seja o de definir rumos prévios, modelos, sem que aconteça – riqueza maior em nossa formação, nós, seres que habitamos e damos sentido ao mundo – a própria criação do conhecimento, uma forma de acesso à realidade plena das coisas e dos corações. Essa realidade para a qual, no fundo, tende toda verdadeira educação, não nos coloca na posição do sujeito “ocidental” – o qual tende, conforme a ideia do filósofo francês René Descartes, de um sujeito pensante e distinto da natureza e dos animais, para um fechamento num tipo de produção unilateral do saber. Os livros já nos chegam com o peso dos nomes: este peso já traz consigo o fardo do modelo. Ah! Quem dera fossem os livros dessa mesma e mutante tradição ocidental, chegados às nossas mãos sem o peso dos nomes, sem o peso da parafnália exegética que se apodera do estudante tão logo ele decida ensimesmar-se na especialidade de falar sobre um autor cujo nome o mundo repete. Na escola indígena, em que temos tomado parte, tudo se dá de modo diferente. Não se trata, jamais, de negar a importância da tradição – para inserir amplitude e generosidade – qualquer que ela seja. A escola indígena difere, sim, pelo fato de que a tradição se reinventa constantemente, sem que se exija, em brados solipsistas, rupturas necessárias (sob

alegações ilusórias e fatais), apegos a um progresso que só os mais crentes na *ideologia científica* têm – que vem destruindo o planeta para fortalezas de poucos e fechamento das visões – e difere porque nela se reverencia a tradição, reinventando-a na própria aprendizagem. Os tradutores, os estudantes-professores, constroem juntos os livros; os temas são propostos para apreciação livre, a ideia régia faz crer numa escola em que a liberdade da criação é vital. Os professores-alunos contam uns aos outros suas narrativas. Nenhum dos lados pensa em termos de objetividade. O objeto foi descartado para longe porque o mundo não está pronto e a natureza – enorme imensidão que se transforma e se torna traduzível para muitas línguas – mostra suas vozes. É possível ouvir a voz da montanha, os espíritos do maracá, da mata cotia; nalgum lugar Pataxó, a terra e o céu se encontram: para dizer seus muitos nomes e palavras que fundam o mundo. A pedra é diferente do jaguar. O índio é diferente do jaguar: mas todos são parentes. Aqui, não há separação sujeito/objeto porque nem mesmo a matéria a que se dedica o estudo está pronta ou acabada, importando apenas o exercício de uma compreensão profunda e intrincada. A memória transmigra por entre todos os seres e faz da terra o lugar da dança e das águas que cantam. Tupã renasce, a cada dia, novo como sempre:

**Minha terra, minha terra
ela lá e eu aqui
os anjin do céu me leva
na minha terra onde nasci**

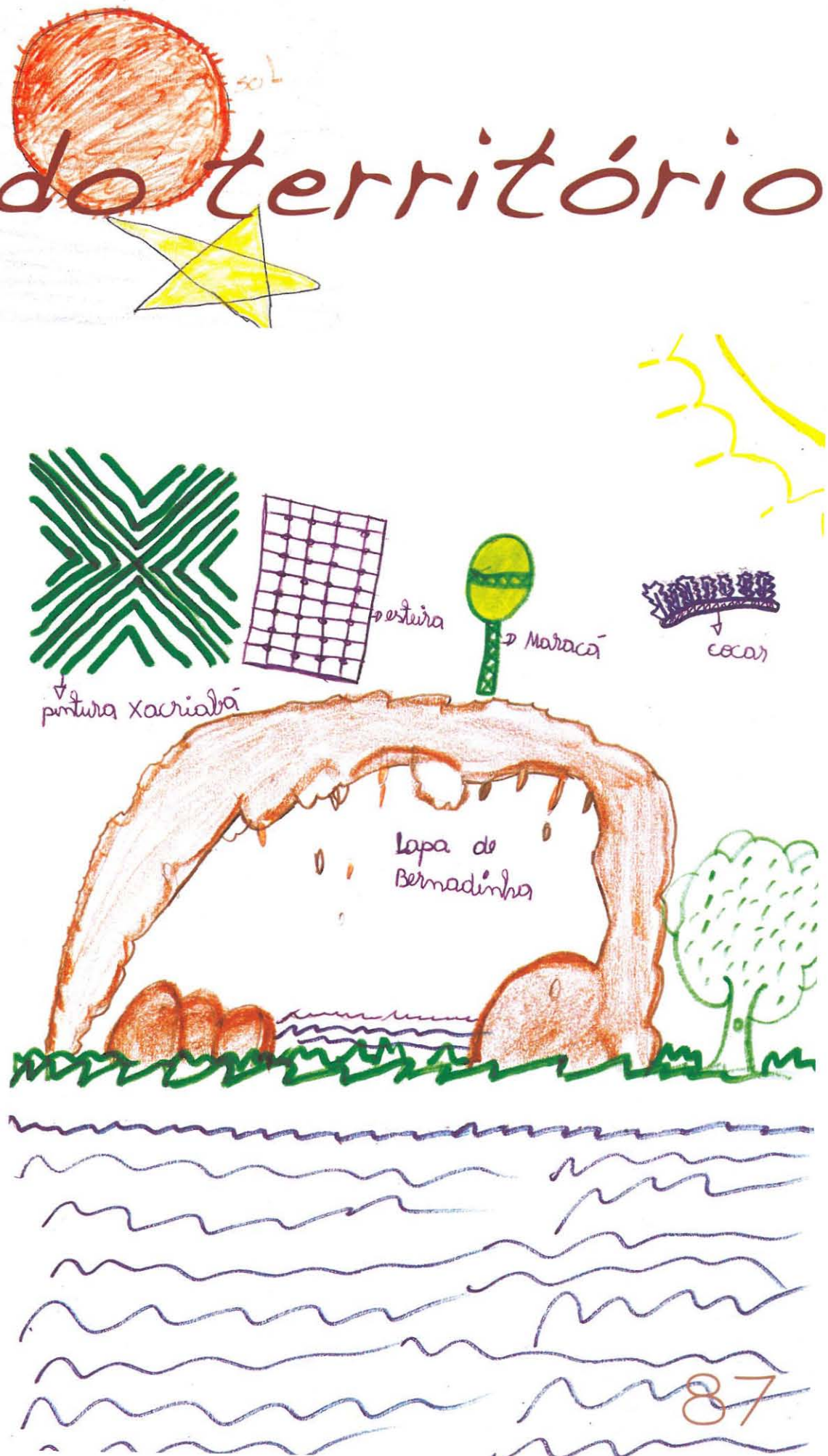
**Quando eu era pequena
Nem me lembro
Mas so me lembro
Que um dia
Eu ia fazer um curso
Em Minas Gerais**

o antes do território

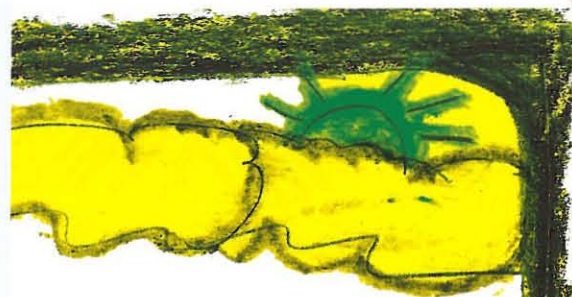
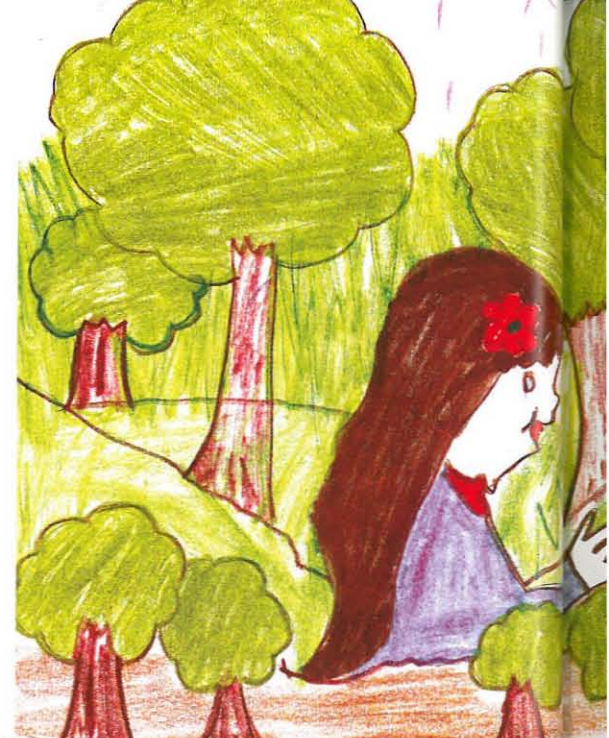
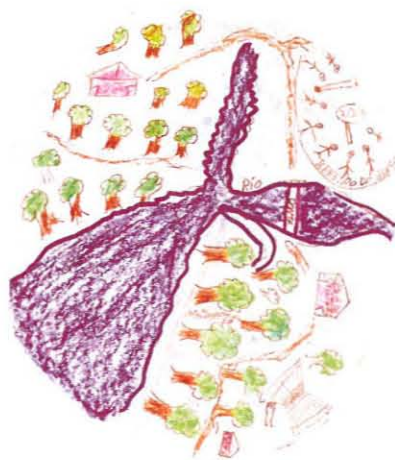


Minha vó caboca

Ô minha vó caboca
vem aqui me abençoar
Vem abrir esse terreiro
Que é hora de eu trabalhar
A mata estava seca
E agora enverdeceu
Foi milagre de Tupã
Que nessa terra desceu



O risco do solipsismo os índios não correm: recriar é criar ao mesmo tempo e isso nada tem que ver com novidades... A idiotia do gênio, praga que se alastrou pelo Ocidente (que se pretende acima do devir e longe de suas intempéries somente pelo critério numérico) é repetida aqui e acolá. Dizem que há gênios e que eles falam com Deus, dizem que eles sobressaem à média dos comuns... O romantismo, no entanto, via o mundo "arcaico", em que a literatura também é mito, é escrita do som, é voz e corpunidos, é dança e música-palavra amalgamados na recriação da tradição, como algo que, na feliz expressão de Sahlins, estava destinado a desaparecer, sob o olhar do pessimismo sentimental.¹ Acontece, diz Sahlins, que a capacidade de subestimação do caráter pró-ativo das tradições é sobrestimada por aqueles que, assim, insistem em reclamar para o código que, se dado por hegemônico, é porque continua ao lado de outros modos de conceber o sentido do mundo. Assim, vai, em franco naufrágio, a educação do código que se diz hegemônico, sob pena de ela mesma se furta a olhar para o real: o multilinguismo é a regra e não a univocidade. Nossa educação, isto é, a educação desta gente que se diz formal toma gato por lebre: seguir cegamente um grande nome da filosofia ou do cânon não é garantia de nada: podemos até chegar a entendê-lo, mas o preço que se paga com isso é a morte da possibilidade antropofágica. De sabedoria, se é que se pode dizer, um autor passa a modelo e disso chegamos à morte da criação.





Comentar ideias de outras pessoas não é criar, ao que parece. Seguir modelos não produz sentido nem mundo habitável para ninguém, ao que parece. Construir o saber apropriando-se livremente dele, ao invés, faz com que o mundo mostre o seu sentido imanente, o qual, por sua vez, é recriado em palavra, música, corpo, cena e arte pictórica. Essa a façanha realizada, numa estilística que se manifesta em sua porção de eterna novidade - a cada um dos povos indígenas e seus professores-alunos devida; a façanha de dar sentido ao espaço em que a terra, mãe da memória, pé da verdade, recria-se constantemente.

As imagens e os poemas que aqui estão poderão mesmo suscitar, nalguns momentos, movimentos e caminhos convergentes. Mas entre a composição musical, as cores, as cenas e a imaginação mora o tempo de uma memória que enlaça o individual no coletivo. A despeito disso, e flertando com variações, haverá o próprio de cada mão, e das diferentes línguas que se abraçam nessa composição que, esteja dito, está sendo obra coletiva. Cada um traz sua porção de água à água das fontes: nela, a terra deposita seu esteio e, pela viagem cósmica do situar-nos num mundo comum, permite que, em memória, os homens e os seres a habitem. Até os bichos têm a memória na terra, esses nossos parentes da mata que nos dá a caça.

1. Esta expressão de Sahlins designa uma espécie de tendência que se enraizou bastante na visão comum do ocidente acerca dos "outros povos", isto é, os índios e os demais. Esse pessimismo consiste na ideia de que esses outros povos estariam sempre em vias de desaparecimento, e estaria presente desde Rousseau até Malinowski. O que Sahlins mostra, contudo, é que aquilo que o ocidente vê como perda, como desaparecimento, nem sempre o é, por duas razões: a) a tradição sempre se transforma; b) achar que as formas e os fins culturais das sociedades indígenas modernas haviam sido construídos exclusivamente pelo imperialismo - ou então como sua negação - é criar uma antropologia dos povos neo-a-históricos. Sahlins argumenta, com base em várias monografias, no sentido de mostrar que os povos que sobrevivem ao assédio colonialista elaboram culturalmente tudo o que lhes foi infligido. (Cf. SAHLINS, Marshall. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica. *Mana*, vol. 3, 1997. p.52).



Canto Xacriabá

Na mata eu nasci.
Na mata eu cresci.
É nessa mata que eu agora vou caçar.
Iaiá caboca me proteja, me proteja.
Valeu minha Iaiá.

Este texto é resultado das criações do VI módulo do curso de Magistério Indígena - PIEI/MG, especificamente para a disciplina Línguas, Artes e Literatura do eixo Múltiplas Linguagens. O foco da disciplina foi a relação entre a Terra, a Memória e o uso do Território.

Ubirajara Santiago de Carvalho Pinto
Mestre em Literatura Brasileira FALE/UFMG e, na ocasião, coordenador do eixo

Organização dos desenhos
Amanda Machado Alves de Lima,
monitora do curso e Bacharel em Letras
FALE/UFMG

